

DA BAHIA AO RIO DE JANEIRO: A MEMÓRIA COLETIVA NA REPRESENTAÇÃO DA CULTURA AFRO- BRASILEIRA

Girlene da Cruz Ferreira¹

Cláudio do Carmo²

Recebido em 10/07/2019. Aprovado em 03/01/2020.

RESUMO: A análise da obra de Nei Lopes “Mandigas da mulata velha na cidade nova” é centrada na discussão da memória coletiva e na construção da identidade. Está fundamentada em Halbwachs (2003), Le Goof (2003), Pollak (1992), entre outros. Ressalta a importância da memória coletiva na preservação da cultura e na reconstituição dos acontecimentos passados. Tia Amina é uma personagem mítica e toda a especulação sobre a sua figura se dá após a sua morte por meio das investigações do personagem Costinha, repórter do jornal *Tribuna*. Insere a obra na vertente da literatura afro-brasileira e aponta o autor como um importante contribuinte no crescimento das representações dos negros no cenário da literatura brasileira.

Palavras-chave: Identidade; literatura; Nei Lopes.

Introdução

O presente trabalho tem por objeto de estudo o romance de autoria de Nei Lopes intitulado “*Mandingas da mulata velha na cidade nova*”, publicado no ano de 2009. Aborda a representação da figura mítica de Tia Amina no entrelaçamento da cultura baiana e carioca. Com discussões pautada na memória coletiva e na construção da identidade, mostra aspectos da religiosidade africana presentes na obra referida e as influências carnavalescas do povo baiano na cultura carioca. Tem por objetivo, ressaltar a importância da memória coletiva na preservação da cultura e na construção da identidade. Embasado por Cuti (2010), Duarte (2011), Halbwachs (2003), Le goff (2003), Lopes (2011), Pollak (1992), Sarlo (2007).

Nei Lopes é escritor crítico e literário, compositor e intérprete de música popular brasileira. Nasceu em Irajá, no Rio de Janeiro. Suas obras são centradas na temática afro- brasileira, dentre elas destaca-se: *O negro no Rio de Janeiro e sua tradição musical* (1992); *Dicionário banto no Brasil*

¹ Graduada em letras vernáculas (UEFS); especialista em Estudos Literários (UEFS); mestranda em Estudos Literários (UEFS); bolsista CAPES.

² Doutor em ciências da literatura (UFRJ); pós-doutor em Estudos Comparativistas (Universidade de Lisboa).

(1996); *Vinte contos e uns trocados* (2006); *Bantos, malês e identidade negra* (2011); *Mandingas da mulata velha na cidade nova* (2009); *Rio negro, 50* (2015). Em 2005, recebeu do governo federal a comenda da Ordem de Mérito Cultural. Em 2006, foi incluído no rol dos “100 brasileiros geniais”, em votação da Revista *O Globo*. Recebeu em 2013 a medalha da Ordem de Rio Branco.

O título *Mandingas da mulata velha na cidade nova* é uma junção de significados referentes ao entrelaçamento da cultura africana, baiana e carioca. O termo mandiga é utilizado para designar alguns povos africanos, refere-se à nação ou grupos, também é utilizado como termo religioso. Mulata Velha é um atribuído à Bahia e Cidade Nova refere-se ao Rio de Janeiro. Logo no prefácio, o leitor é informado por Alberto Mussa que se trata de um lugar e um tempo mitológicos do Rio de Janeiro, entre 1870 e 1930, Cidade Nova, uma pequena África. Os terreiros ganham destaque no cenário narrativo, e as religiões afro são de suma importância na trama. Honorata, a Tia Amina e Costinha, o Diga Mais são os personagens principais, sendo Tia Amina a protagonista.

Honorata, mais conhecida como tia Amina é uma personagem baiana que devido aos contratempos da vida, muda-se para o Rio de Janeiro e refaz sua vida, implementando costumes culinários, religiosos e culturais ao centro carioca. Faleceu de um colapso cardíaco fulminante aos sessenta e nove anos de idade. Tia Amina é uma personagem que remete a figura de Tia Ciata e pode ser vista como uma metáfora representativa das tias baianas, importantes figuras na construção da identidade do Rio de Janeiro. As quais contribuíram para com a formação dos blocos carnavalescos carioca e influenciaram a culinária local e fortaleceram o culto aos orixás. Hilária Batista de Almeida, a Tia Ciata, nasceu em Santo Amaro da Purificação – BA, era cozinheira e mãe de santo, considerada uma das figuras mais influentes para o surgimento do samba carioca.

O personagem Henrique da Costa, o Costinha ou Diga Mais é um repórter que trabalha na *Tribuna do Rio*, um jornal novo e movimentado, o qual explora escândalos que são de agrados do povo. Costinha é magrinho, pequenino, cheio de tiques nervosos e ficou conhecido por Diga Mais por causa da sua mania de em suas entrevistas instigar as pessoas a darem mais informações, utilizando sua famosa frase: Diga mais. Na noite da morte de Tia Amina, 7 de janeiro do ano de 1924, é ele o repórter de plantão que recebe o telefonema comunicando o óbito e é o encarregado de descobrir quem foi Tia Amina e qual foi sua história nas ruas do centro da cidade do Rio de Janeiro.

O livro é dividido em duas partes, a primeira apresenta o trabalho investigativo de Costinha em busca de informações sobre quem foi Tia Amina. Para tanto, ele vai recolhendo relatos das

pessoas, testemunhos, opiniões e encontra depoimentos diversos, nos quais há presença dos mitos e preconceitos que envolvem a vida e a morte de Tia Amina. A segunda parte narra a “verdadeira história de Tia Amina “contada por meio de manuscritos. Nei Lopes mescla dados da história oficial com histórias do cotidiano, sua narrativa é composta por vozes esquecidas pelo cânone literário brasileiro.

O trabalho investigativo do Costinha e a construção da identidade

No dia seguinte da morte de Tia Amina, o jornal *Tribuna* estampa a seguinte manchete: “Terreiros calam seus tambores, ranchos guardam seus estandartes. Morreu Tia Amina (LOPES, 2009, p. 25). O jornal descreve Tia Amina como a maior figura dentre as célebres baianas do carnaval da praça onze. E segue a narrativa exaltando aos negros africanos que com suor, sangue e lágrimas contribuiu com a formação do povo brasileiro.

Ressalta que Tia Amina nasceu em 1854 em Santo Amaro da Purificação, no Recôncavo baiano, aos 22 anos chega ao Rio de Janeiro. Doceira e quituteira, vendia suas guloseimas nas ruas, em um tabuleiro, utilizava suas indumentárias típica, incluindo torso, colares, pulseiras, balangandãs e o tradicional pano das costas. Foi iniciada no candomblé desde cedo pelo africano Pai Bambaiê. Uma mulher de força e caráter, de forte sentimento maternal possuía grande energia e vitalidade.

Essa sua força de caráter, naturalmente propiciada por seu intenso e profundo preparo espiritual, foi que fez dela a líder incontestável das baianas da Cidade Nova e da praça Onze, a Tia Amina dos ranchos e dos Santos, mãe dedicada de seus filhos biológicos e iniciáticos; dos carurus dos vatapás e acarajés. (LOPES, 2009, p. 32-33).

Com a comovente matéria do jornal, a notícia da morte de Dona Honorata correu a cidade e entre as providências para o sepultamento, tinha sempre alguém querendo completar a narrativa e alguns contestando as informações publicadas no jornal. Um leitor espírito de porco encaminhou ao diretor-presidente de *A Tribuna* uma carta apontando os equívocos presentes na matéria. E é aí que o Costinha, o Diga Mais entra em cena, pois o diretor estabelece um prazo mínimo para ele desfazer o mal feito.

Costinha saí às ruas em redor da praça onze em busca de informações que o leve a reconstituir a história de Tia Amina do samba e das macumbas, a qual seria publicada em capítulos,

como um folhetim. E como diz o ditado popular quem conta um conto aumenta um ponto, os personagens entrevistados vão formulando suas narrativas e acrescentando-as para o bem ou para o mal. Surgem informações de diferentes pontos de vista, gente que a detestava e gente que a idolatrava. No decorrer das narrativas, Nei Lopes aborda a questão do preconceito racial e religioso e ao mesmo tempo apresenta a representação da construção da identidade de Tia Amina e do centro carioca.

Segundo Pollak (1992), tanto no âmbito social, quanto no individual, a memória é um fenômeno construído e constituinte do sentimento de identidade. Sendo, assim a identidade também é um fenômeno construído, é algo que temos em referência ao outros de acordo com alguns critérios, tem a ver com o modo que aceitamos, admitimos e creditamos algo ou alguém. Tanto a memória, quanto a identidade estão sujeitas as influências externas e às negociações, não é algo inerente a um grupo ou pessoa. Por isso, durante seu trabalho investigativo, Costinha irá encontrar versões distintas sobre quem foi Tia Amina.

O primeiro entrevistado é o senhor Abedé, 69 anos, velho africano, pai de santo, lúcido e muito bem-disposto. O qual relata que Amina chegou ao Rio antes dele, não era filha do seu axé, mas lhe ajudou muito e acrescenta que era uma boa menina, respeitadora, cumpridora de seus deveres. Costinha se encanta pelos conhecimentos do velho Abedé e sai de lá sem muitas informações de Tia Amina. E para não perder tempo, mesmo sendo noite, decide em seguida ir entrevistar Honorato.

Honorato nasceu no Maranhão cresceu na Bahia e mudou-se para o Rio de Janeiro em 1872, 69 anos de idade, negro elegante e amigo de Tia Amina. Ele relata a importância dessa senhora para a folia carioca, uma importante figura para o carnaval, quem não visitasse seu rancho na rua da Alfândega era como se não tivesse brincado o carnaval. Um rancho à moda baiana, referenciando a festa de Reis na Bahia, cantando chulas com flautas, violão pandeiros e cavaquinhos.

Enquanto o Costinha vai entrevistando as pessoas, o narrador vai conduzindo o leitor pelas ruas do Rio de Janeiro. “o repórter sai pela rua da Prainha, pega a rua dos Andradas, dobra na rua de São Pedro e chega à casa de Assumano, na rua Visconde de Itaúna, 191” (LOPES, 2009, p. 54). É um narrador onisciente, aquele que tudo sabe. Assumano é um preto de cavanhaque, negro mina, alto e corpulento, apesar de já idoso, expressa mal o português. O culto ao qual ele seguia era vedado às mulheres, uma mistura das tradições islâmicas com coisas de orixás e voduns e cada um

dos membros era chamado de Assumano. Relata que Norata era só uma amiga da casa. Sem dar mais informações sobre Tia Amina, explica sobre os costumes e as origens dos Assumanos e cita os negros congo.

Ao decorrer do livro, Nei Lopes vai dando ao leitor uma noção sobre o continente Africano e das variações das religiões afro. O candomblé, religião estereotipada por muitos como uma coisa só, é mostrado em suas diversas correntes que até deixa o Costinha confuso, em cada terreiro que chega, encontra um vocabulário próprio. No terreiro de Oiá Lonã, Costinha fica sabendo como foi o rito de iniciação de Honorata ao candomblé. Banhada com as folhas do seu orixá por Mãe Orminda em uma fonte no meio da mata, sempre rezando em nagô vestiu roupas novas e jogando fora as roupas velhas como símbolo de começar uma vida nova, deixando a vida passada para trás. “A Oxum de Amina é Leiê Pandá, mulher de Ibualama, um Oxóssi que mora no fundo do rio” (LOPES, 2009, p. 63).

Costinha não descansa em seu trabalho investigativo, toma um bonde para chegar até a casa da Tia Maria na rua São Luiz. E lá fica sabendo que Tia Amina tinha uma espécie de indústria de doces e outro negócio de alugar roupas pro carnaval e para o teatro, além das roupas, ela também tinha e alugava muitas joias e outros adereços vindos todos da Bahia, mandava buscar 3 vezes ao ano. As festas na casa dela eram muitas boas, mas não era o ano todo como muitos pensam, relata Tia Maria, tinha as datas específicas, aniversários, batizados e nos dias dos santos.

Depois, Costinha pega um trem na estação Leopoldina e vai até a Penha entrevistar o delegado. O que ouve por lá não é nada agradável: “- Para mim, essa senhora foi apenas um número na estatística dos charlatões, exploradores da boa fé e dos incautos, que infelizmente pululam por esta cidade” – diz o comissário de plantão” (LOPES, 2009, p. 82). A fala do delegado e de outros entrevistados segue recheada de preconceitos e racismos, usam por exemplo o termo pixaim e macacada quando falam dos negros. Costinha desconfia do relato do delegado e acha que ele está querendo se aparecer. O repórter vai observando o que há em comum entre os relatos, os que possuem ou não coerência. O que Costinha busca é uma identidade coletiva e não uma opinião pessoal. De acordo com Pollak (1992), a identidade é algo construído ao longo do tempo, passa por modelações e influências.

Por identidades coletivas, estou aludindo a todos os investimentos que um grupo deve fazer ao longo do tempo, todo o trabalho necessário para dar a cada membro

do grupo - quer se trate de família ou nação - o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência (p. 206).

Na tentativa de reconstruir um passado com base nas entrevistas e na memória das pessoas, o Diga Mais vai tentando modelar a fala dos entrevistados para extrair somente aquilo que é do seu interesse, uma tentativa quase em vão, pois cada entrevistado tem a sua própria história de vida que interfere diretamente na memória que guarda sobre Honorata. Para Sarlo (2007), as visões que temos do passado não significa uma retomada real do conteúdo, partimos de um presente para falarmos de algo que aconteceu a algum tempo atrás e nessa retomada ao passado levamos juntos as experiências e todo um conjunto de interferências, tornando esta memória subjetiva.

A memória coletiva e a formação da “pequena África”

Ao tratar de memória coletiva e memória individual, Maurice Halbwachs (2003) defende que na reconstituição de um passado o primeiro testemunho que podemos recorrer é o nosso. Os vestígios encontrados no espaço e no tempo nos ajudam a refazer o passado com base nas percepções do presente, como se estivéssemos diante de muitas testemunhas e que apesar das divergências, podemos reconhecer e reconstruir nossas lembranças por meio da coerência existente entre elas. O referido autor afirma que:

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas, por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivéssemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem (p. 30).

A memória coletiva é construída sobre uma base comum pautada em dados e noções presentes em nosso espírito e nos dos outros, “... se pode falar de memória coletiva quando evocamos um fato que tivesse um lugar na vida do nosso grupo e que víamos, que vemos ainda agora no momento em que recordamos, do ponto de vista desse grupo (HALBWACHS, 2003, p 41). O personagem citado a seguir, apesar de jovem, apresenta dados da memória coletiva que envolvem a vida de Tia Amina e do seu povo, apresenta informações sobre os mandigas pautado em estudos e na convivência com a baiana.

O professor Raimundo, também é um dos entrevistado de Costinha, mora no Andaraí , distante da praça Onze, tem 38 anos, especialista em etimologias africanas ,conheceu a falecida e

pesquisou as origens familiares dela. “- Tia Amina não era nagô, nem jeje, nem huaçá. A mãe dela era mandiga, veio da Guiné, do Gabu” (LOPES, 2009, p. 102). O professor explica como os mandigas foram aprisionadas e vendidos como escravos, afirma que os fulânis dominaram toda a região que vai do Saara ao Golfo da Guiné, região antes dominada pelas mandingas e foi no meio dessa confusão que a mãe de Amina veio parar na Bahia.

Nei Lopes (2011), em *Bantos, malês e identidade negra*, apresenta um estudo sobre o território africano e o tráfico negreiro para o Brasil. No qual afirma que a maior parte dos escravos embarcados da África para Salvador vem do golfo da Guiné. Em seu estudo, também explica como o islamismo chegou na África e suas influências na religião no tráfico dos negros. Na primeira modalidade de tráfico de escravos, os europeus simplesmente capturavam os negros, como se fossem caçar. A segunda modalidade são os africanos poderosos que fornecem seus escravos em troca de ajuda militar. Salientando que o modelo de escravidão implantado pelos europeus é bem distinto do que havia na África. Na África, o escravo era tratado com dignidade, não podia ser vendido, nem maltratado, tinha seus direitos assegurados e mobilidade social, enquanto o europeu transformava os escravos em coisa, sem direitos e com obrigações, tornando os negros em mercadoria de valor econômico, podendo até ser hipotecados.

Todas as guerras africanas, principalmente as do século XVII ao XIX, tiveram como consequência a transformação dos contingentes prisioneiros em escravos. E a justificativa em escravizar os negros era a “salvação” da sua alma, os negros eram batizados à força, antes de embarcar no navio negreiro. Quanto a influência islâmica, Lopes (2011) descreve que:

Chegando à África a partir do século VII, a pregação islâmica não foi aceita sem resistência. E em todo o seu processo de aceitação, ela intercambiou com a religião tradicional experiências e influências, o que resultou em um islamismo todo peculiar. E principalmente na África ocidental essa influência se fez sentir, já que no ‘País dos Negros’, a época da chegada do Islão, o que havia em termos de pensamentos eram crenças extremamente estruturadas, como os Iorubás fundadores do antigo reino de Ifé (século X) e que trouxeram para o Brasil os fundamentos da religião dos orixás (p.48).

Ao escrever um romance que trata da ancestralidade africana e da vida dos negros no Brasil, tendo como personagem principal a Tia Amina, podemos inferir que Nei Lopes recorre aos vestígios da memória coletiva e que “Mandigas da mulata velha na Cidade Nova” é uma obra que tem muito a nos ensinar, seja do ponto de vista mitológico, histórico ou cultural. Tia Amina morreu deixando filhos e netos e muitos seguidores e suas memórias vão sendo transmitidas para as futuras

gerações, e isso fica claro quando seu neto entra na redação querendo tirar proveito da investigação do Costinha.

Alberto, conhecido como Bubu é um garoto cheio de artimanhas, 15 anos, malandro mesmo. Costinha já conhece o moleque e suas espertezas, mas desconhecia o fato dele ser neto de Tia Amina. O garoto promete contar tudo ao Costinha sobre sua avó, desde que ele pague dez mil réis pelas informações. E começa contando desde o tempo que sua avó era menina e vivia na Bahia. Indagado sobre como sabe de tanta coisa com apenas quinze anos, o menino responde que são das coisas que ouviu falar, que os mais velhos falam e a gente vai assimilando. “- Desde menina, o forte da minha avó foi a cozinha. Só olhando os mais velhos fazerem, ela aprendeu a fazer cada quitute de dar água na boca (LOPES, 2009, p. 111).

A figura do velho é mais uma vez exaltada na fala de Bubu, no item anterior, podemos observar que a maioria dos entrevistados são negros, homens e mulheres, geralmente acima dos 60 anos e ligados aos terreiros de candomblé. Para Bosi (1994), o velho é a fonte que jorra a essência da cultura. Ele é um elemento primordial, guardiões de tesouro, mas acaba sendo subtraído pela sociedade capitalista. A opressão sofrida pelos velhos por meio de mecanismos institucionais visíveis, por mecanismos psicológicos sutis e quase invisíveis e por mecanismos científicos, destrói os apoios da memória.

Tia Amina também sabia rezas para doenças do corpo e da alma, certa vez foi chamada para curar o ex-presidente Venceslau Brás de uma doença bacteriana conhecida por erisipela. Com este episódio, Nei Lopes insere na narrativa elementos da fé preservados pela memória coletiva, demonstrando uma sabedoria ancestral passada de geração em geração. De acordo com Pollak (1992, p. 204): “A memória é, em parte herdada, não se refere, apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa”. É a chamada memórias de terceiros que representa os acontecimentos vividos por outras pessoas e fazem parte da nossa memória por meio das narrativas que preservam a memória coletiva. Halbwachs (2003) nos alerta para o fato de que, por sermos seres sociais, mesmo que estejamos aparentemente sozinhos, estaremos carregados de influências e impressões dos outros.

Para Le Goff (2003), a memória tem um poder transformador, portanto deve servir de instrumento para a libertação e não para o aprisionamento humano. O autor afirma que:

A memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória (p. 470).

Ao trabalhar com a memória coletiva, Nei Lopes mescla histórias do cotidiano com dados oficiais históricos, demonstra conhecimento e interesse pela memória coletiva e pelas questões étnico-raciais. É notável, também o seu grau de pesquisa e de conhecimento por tais temáticas. Utiliza um vocabulário rico com termos africanos e específicos das religiões afro, o que requer do leitor um certo conhecimento e ao mesmo tempo presenteia-o com informações e dados preciosos. O autor insere na narrativa assuntos como: a revolta da vacina, a república, a abolição da escravatura, as influências dos mulçumanos na cultura africana, as contribuições do povo negro na construção da sociedade brasileira, os ranchos carnavalescos.

É noite de sábado e Costinha já se encontra cansado das longas entrevistas feitas durante a semana. Mas, mesmo assim, e sem saber que rumo tomar, acaba indo para o Café Paraíso, local conhecido como o “escritório” da turma do Rosa Branca. Em um clima de diversão e muitas batucadas, Costinha é recebido pelo grande compositor, Caninha., fundador do Dois de Ouro. Quando começa a ouvir as letras do samba, o repórter se recorda do relato do garoto Bubu, embora não tenha levado o material de trabalho, o Diga Mais está sempre atento ao que aquelas pessoas ali reunidas têm a lhe contar. E entre uma prosa e outra a noite seguia animada pelo samba. - Ah! Esse negócio de samba é muito antigo. Lá na Bahia a gente cantava muita coisa que a gente nem sabia direito de onde vinha. Às vezes vinha da cabeça da gente, às vezes era coisa que os mais velhos já cantavam...” (LOPES, 2009, p. 148).

A tradição do samba de roda que chega ao Rio de Janeiro, levada pelos negros saídos da Bahia, especialmente os da região do recôncavo. O recôncavo baiano é uma região de grande influência africana. As primeiras manifestações do samba de roda surgiram por volta de 1860. Esse ritmo se espalhou por várias partes do país e se difundiu principalmente no Rio de Janeiro. Além da Tia Amina, Nei Lopes insere em sua narrativas diversos personagens baianos que chegam ao Rio de Janeiro levando sabedoria, sabores, samba no pé e muita alegria.

Uma nova perspectiva

A obra em análise está inserida uma nova perspectiva de escrita em que autores, comprometidos com a representação do negro no cenário da literatura brasileira, adotam uma linha literária, seja ela negro-brasileira ou afro-descendente, para dar voz e vez àqueles que por muito tempo foram massacrados, estereotipados e silenciados pela sociedade e pela literatura. Nei Lopes é um dos autores brasileiros comprometidos com essa causa. Suas obras, literárias e críticas, são direcionadas para questão das influências africanas e para o importante papel dos negros na formação da identidade brasileira. *Mandigas da mulata velha na Cidade Nova* é um livro que por trazer dados dos negros africanos e mostrar como a cultura africana se expandiu no Brasil, principalmente ao representar a saída dos negros da Bahia para o Rio de Janeiro, instiga o pensamento crítico e a curiosidade do leitor.

Para Cuti (2010), a denominação afro-brasileira projeta a escrita brasileira ao continente africano, por sua vez, a escrita africana não combate o racismo brasileiro. O autor defende a nomenclatura negro-brasileira, tomando por princípio de que a palavra negra deve ser utilizada como uma forma de reivindicação e combate ao racismo. “A palavra ‘negro’ lembra a existência daqueles que perderam a identidade original e construíram outra na luta por suas conquistas...” (p. 39). Contudo, para Duarte (2011), a palavra negro é carregada de negatividade e inferioridade, já o termo afro-brasileiro representa a mistura cultural do África com o Brasil, desde a chegada dos primeiros escravizados. A polêmica discussão sobre a nomenclatura de uma literatura negro-brasileira ou afro-descendente, abordada por Cuti (2010) e Duarte (2011) nos leva a perceber que os referidos autores possuem suas divergências de pensamento, mas comungam da mesma ideia da importância em se ter uma escrita comprometida com as causas dos negros, principalmente no combate ao racismo. Duarte (2011, p. 386) afirma que: “A temática afro-brasileira abarca ainda as tradições culturais ou religiosas transplantadas para o Novo Mundo, destacando as riquezas e dos mitos, lendas e de todo um imaginário circunscrito quase sempre à oralidade”. Sob o risco de discordâncias podemos atribuir a escrita de Nei Lopes à nomenclatura da literatura afro-brasileira.

A segunda parte do livro é contada por meio de manuscritos intitulado “A verdadeira história de Tia Amina”. Estes escritos são negociados ao Costinha pelo jovem capoeirista e malandro, bacharel em direito e ciências sociais pela faculdade do Recife, João Flávio. Um jovem fascinado pela obra de Nina Rodrigues e que tem por objeto de estudo a comunidade estabelecida

da Pedra do Sal à Cidade Nova. O material que ele propõe entregar ao Costinha, trata-se de um longo relato, o qual é dividido em partes e entregue a cada semana em forma de rolos. Nestes rolos estão descritos acontecimentos da vida de Tia Amina na Bahia, o contexto histórico no qual a personagem está inserida que é o período da escravidão, as fugas e revoltas dos negros, a formação dos quilombos. Narra como Tia Amina deixou a Bahia, grávida e abandonada por Normando. Narra também todas as batalhas enfrentadas no Rio de Janeiro e as importantes influências deixadas pela tia baiana na cultura carioca, tanto na culinária, no samba de roda, quanto na religiosidade afro.

Costinha fica encantado com os relatos e oferece a João Flávio vinte mil réis para que ele lhe passe uma procuração para que ele possa ir publicando na *Tribuna*. Mas, ao contrário do que Costinha esperava, os relatos são mal recepcionados e recusados pelos diretores do jornal, taxados de literatice, ficção da pior qualidade. Passados quase oitenta anos, e ninguém nem se lembra mais quem foi o Costinha, ou o Diga Mais, os originais do relato são encontrados pelo carnavalesco da escola de Samba *Mocidade Alegre do Vidigal*, o Gil Hayblan. E baseado na história de Tia Amina monta o seguinte enredo: “*Muçurumim, Nagô, Tia Amina: a revolução muçulmana da praça onze*” (LOPES, 2009, p. 280). Embora haja fortes indícios de que a história da personagem Tia Amina seja baseada na história da Tia Ciata, é válido ressaltar que se trata de uma personagem mítica, a qual pode-se considerar uma metáfora representativa das tias baianas e suas respectivas influências na sociedade carioca.

Possíveis considerações

Mandingas da mulata velha na cidade nova é um livro que possibilita diversas linhas de pesquisa, sobretudo às relacionadas com a identidade negra e às influências africanas na formação da sociedade brasileira. Sob o viés da literatura afro-brasileira, Nei Lopes presenteia ao leitor um pequeno passeio por alguns lugares do continente africano, bem como proporciona-o com conhecimentos sobre a disseminação da cultura africana na Bahia e, posteriormente, no Rio de Janeiro, em especial ao que tange à religiosidade e ao carnaval. A representação da figura de Tia Amina pode ser considerada como uma homenagem às tias baianas que por meio das narrativas, do samba de roda, das práticas culinárias e religiosas preservaram na memória coletiva traços da cultura africana que chegam ao Rio de Janeiro e tem no carnaval a sua maior manifestação.

Não é à toa que Alberto Mussa classifica este livro como uma pérola. Esta obra tem em si um grande valor cultural, pois aborda com criatividade e compromisso assuntos da cultura afro-brasileira, trata de temas polêmicos, como a escravidão e a “falsa” abolição da mesma, mas ao contrário do que é mostrado pelo ponto de vista do colonizador, Nei Lopes exalta a figura do negro, da mulher e dos velhos, criando espaço em sua narrativas para as vozes que a sociedade tenta silenciar, vozes essas carregadas de altivez. Trata-se de uma obra indispensável para aqueles que buscam conhecer as raízes do negro brasileiro e entender as influências da cultura africana. Utilizando recursos linguísticos e metalinguísticos, por meio do texto literário, o autor proporciona ao leitor uma gama de reflexões que certamente irão direcioná-lo para outras leituras.

Referências

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

CUTI, Luis Silva. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: [S.N], 2010.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5.^a ed. . – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LOPES, Nei. *Bantos, malês e identidade negra*. 3.^a ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

LOPES, Nei. *Mandigas da mulata velha na cidade nova*. – Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução Rosa Freire d' Aguiar. – São Paulo: Companhia das letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

FROM BAHIA TO RIO DE JANEIRO: THE COLLECTIVE MEMORY IN THE REPRESENTATION OF AFRO-BRAZILIAN CULTURE

ABSTRACT: The analysis of the work of Nei Lopes “Mandigas of the old mulatta in the new city” is centered on the discussion of collective memory and the construction of identity. It is based on Halbwachs (2003); Le Goof (2003); Pollak (1992), among others. It emphasizes the importance of collective memory in preserving culture and in reconstituting past events. Aunt Amina is a mythical character and all speculation about her figure is given after her death through the investigations of the character Costinha, a reporter for the newspaper Tribuna. I inserted the work in the strand of Afro-Brazilian literature and points out the author as an important contributor in the growth of the representations of blacks in the scenario of Brazilian literature.

Keywords: Identity; literature; Nei Lopes.